



SEGUNDA PELE: O QUE VESTIMOS E O QUE NOS VESTE?

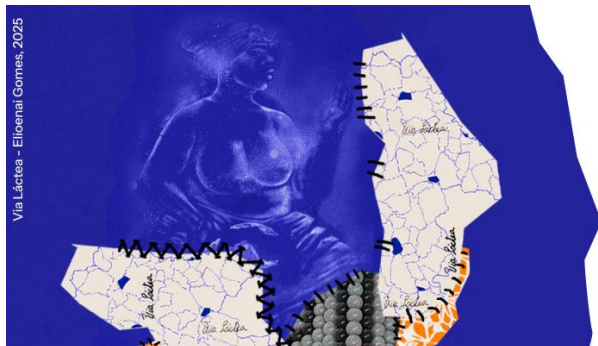
Marilane Abreu Santos¹ – Cap/UFRJ

Membrana, superfície, película, casca, limite, contorno, sensação, poro, cicatriz, camadas, tecidos, vestimenta, memória, corpo, abrigo, proteção, pelos, tons, toque, marcas, identidade, diversidade. O que cabe na **pele**? Órgão profundo por ser superfície de contato com o mundo, a pele permite conexões de natureza pessoais e íntimas e, ao mesmo tempo, coletivas e plurais.

A pele é o maior órgão que envolve o corpo dos vertebrados (incluindo o ser humano) e desempenha várias funções essenciais como proteção, termorregulação e captação de estímulos dolorosos e táteis. É composta por três camadas, além de outras estruturas importantes, responsáveis pela sensação de toque, pressão, temperatura e dor. Através dela nos conectamos conosco, o dentro e o fora, estruturando nossa consciência; com o outro, visualmente ou no toque, nos diferenciando; e com o mundo, percebendo e sentindo os diversos estímulos que chegam até nós. Através de nossa linguagem e modos de comunicação percebemos como estamos conectados profunda, estrutural e socialmente uns com os outros pela pele. A palavra vem do Latim PELLIS, “pele, couro”. Quem nunca ouviu a expressão: “ter um couro para morrer em cima”? A luta pela sobrevivência, as relações de trabalho e exploração da vida geram marcas em quem expõe sua pele sol a sol. Como um dispositivo, a pele é acionada no projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão Segunda Pele como tema e ponto de partida para criar reflexões e conexões entre os têxteis e a arte.

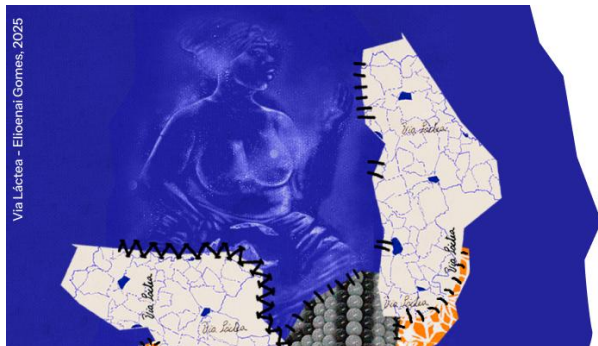
Desde os primórdios o ser humano se comunica através de seu corpo marcando sua pele com tatuagens, escarificações, utilizando adornos, através de

¹ Professora, pesquisadora e artista, atua na educação básica e na formação inicial e continuada de professores. Desde 2011 leciona Artes Visuais no Colégio de Aplicação – UFRJ, onde desenvolve dois Projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão: Segunda Pele e Laboratório Poético, este último em parceria com a professora Anna Thereza Menezes. E-mail: mari.abreu.santos@gmail.com



suas vestimentas, até mesmo com sua nudez. Entretanto, o corpo nu, pele despida, não é, necessariamente, algo público. Um corpo despido nem poderia ser comparado a um corpo nu. De acordo com Primo Levi em seu livro *É isto um homem?*, “diante da retirada das roupas, dos pertences pessoais e da aparência, nós podemos também perder a humanidade” (LEVI *apud* ADVERSE, 2020, p.58). Tecidos, vestes e peles mediam a nossa relação com o mundo de algum modo. As vestes e seus códigos “são políticos e expressam a relação de poder da geografia dos corpos na sociedade”, afirma Angélica Adverse (2020, p.58) no artigo em que discute o aspecto político do vestuário na obra de *Christian Boltanski*. Pele e “segunda pele”. A **magia** das indumentárias ritualísticas, tecidos estampados e pinturas corporais demarcam hierarquias, definem grupos étnicos, posicionamentos políticos e processos de socialização e sociabilidade em diversas sociedades. Os processos de fabricação de tecidos e roupas, desde a artesanania até a industrialização, estão inseridos na história de nosso desenvolvimento enquanto sociedade, em nossa organização urbanística, envolvendo a luta de classes, as questões de gênero e os papéis sociais de homens e mulheres na sociedade. A mulher que borda, a mulher que costura no ambiente doméstico e a mulher que trabalha na indústria têxtil ocuparam lugares sociais distintos. Muitas costuras se apresentam quando esses temas se entrelaçam e elas estão no horizonte da pesquisa em desenvolvimento, gerando reflexões e proposições diversas no Projeto.

Refletir sobre os entrelaçamentos e desdobramentos possíveis das temáticas anteriores, situadas no contexto escolar — espaço de convivência plural que reúne estudantes da educação básica e da graduação, trabalhadores técnicos e terceirizados, docentes e familiares — nos levou à construção de propostas que articulam ensino, pesquisa e extensão. O Colégio de Aplicação da UFRJ, assim como os demais colégios universitários, tem como premissa a atuação docente no desenvolvimento de propostas vinculadas ao tripé universitário, para além do trabalho com a educação básica e a licenciatura. Sendo assim, junto com as atividades de ensino e pesquisa em andamento, propus, no primeiro semestre de 2025, uma ação



de extensão em parceria com o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), voltada especialmente para professores/as da educação básica e estudantes da graduação em arte(s). O centro cedeu o espaço para a realização do curso que aconteceu durante o mês de junho e se organizou de modo teórico-prático, em 4 encontros semanais com 3 horas de duração cada um.

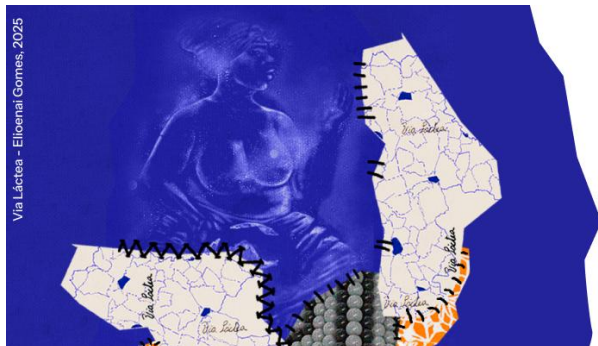
Figura 1 – Grupo de participantes do curso em processo de produção



Fonte: fotos da autora

Para a realização do curso, que tem como premissa procedimentos teórico-práticos, estabelecemos um recorte teórico que fundamentou nossas discussões e, assim, tomamos “a roupa como um objeto social” como nossa questão principal. A roupa, na sociedade em que vivemos, media as nossas relações com o entorno de modos variados e, portanto, diferentes compreensões sobre o tema conduziram os debates e as produções: a roupa e suas relações com a memória, com o tecido social e político, a roupa de artista, além da elaboração de um trabalho artístico coletivo.

Roupas têm **memória**? Peter Stallybrass, no livro *O casaco de Marx*, nos conta que a memória das roupas não está somente nas marcas do tempo que nela se estruturam, mas também está no modo como nosso corpo imprime registros através das formas que deixamos nas peças. É possível, portanto, (re)encontrar pessoas e afetos nos tecidos costurados que colocamos sobre nossos corpos. Em *Filosofia da casa*, livro de Emanuele Coccia, lemos que as roupas são como **canoas** ou



motorhomes que nos levam pelo mundo, colocando o privado em contato com o público, a casa e o mundo, virando a casa ao avesso quando nos vestimos e saímos pela porta da rua. Assim, é possível que as pessoas conheçam um pouco mais sobre nossa intimidade ao olhar nossas vestes, percebendo nossas identidades, gostos e até mesmo alguns segredos camuflados.

Figura 2 – Registro dos processos performáticos



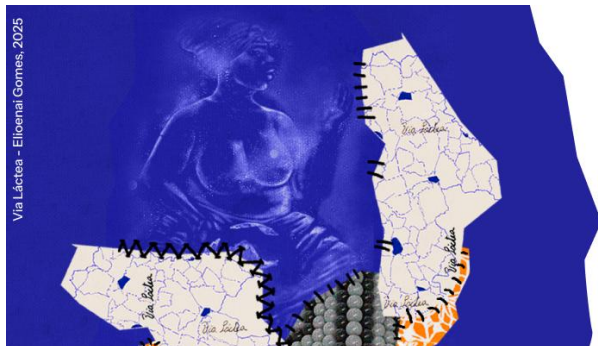
Fonte: Fotos de Cristina Miranda

Quem define o que vestimos? Temos total autonomia sobre nossos gostos ou somos seduzidos pelas propagandas que ditam o que é e o que não é moda? De que modo esse **controle** se estabelece? Se o consumismo gera **acúmulo** na contemporaneidade, para onde vai o que descartamos e que, muitas vezes, nem é **obsoleto**?

Figura 3 – Registro dos processos performáticos



Fonte: Fotos de Cristina Miranda



Em meio aos fios, tecidos e agulhas, descosturando e recosturando peças usadas, como parte do desenvolvimento poético-artístico, decidimos que era preciso criar uma veste que nos permitisse dançar. Inspirados no artista que nomeia o centro, o grupo criou um manto através do qual nosso gesto mais único poderia ser partilhado em **exposição** à câmera, que sensivelmente capturou os movimentos do grupo.

Como resultado desse processo de reflexão crítica e produção artística, nos deparamos com um conceito ainda pouco explorado no campo da arte, mesmo diante da vasta produção existente no campo da arte – a roupa de artista. Investigar a criação de outras formas do vestir — compreendendo a veste também como um objeto artístico — amplia as possibilidades de experiência e de interação entre docentes e estudantes. Nesse processo, o gesto cotidiano de cobrir o corpo ganha novos significados, despertando uma consciência mais profunda sobre os modos de habitar os espaços e sobre os múltiplos sentidos do (con)viver. As palavras destacadas em negrito ao longo do texto, escolhidas pelas participantes e fruto das discussões realizadas, foram bordadas no manto e funcionam como sínteses sensíveis dos debates vividos. Os corpos dançaram livremente pelo espaço do CMAHO, numa performance registrada em fotografia e, em sintonia com os ensinamentos de Hélio Oiticica e seus parangolés, permitiu a integração de pessoas, libertando movimentos, dissolvendo os limites entre arte e vida.

Referências:

- ADVERSE, Angélica. **Roupas como corpos**: o agenciamento político do vestuário por Christian Boltanski [Testemunho e Documento dos Corpos Ausentes]. In: Arte & Ensaios, 2020, vol. 26, pp. 55-65.
- COCCIA, Emanuele. **Filosofia da casa**: o espaço doméstico e a felicidade. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2024.
- MARQUETTI, Flávia Regina e FUNARI, Pedro Paulo A. (orgs). **Sobre a pele**: imagens e metamorfoses do corpo. São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2015.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória e dor. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.